

HACIA UN MODELO EDUCATIVO DE CALIDAD Y TRANSFORMADOR



Mario Martín Bris
Eladio Sebastián Heredero
(Coordinadores)



Universidad
de Alcalá

IDE 
Investigación y
Difusión Educativa
en Universidad y Escuela

Fundación **Santillana**

HACIA UN MODELO EDUCATIVO DE CALIDAD Y TRANSFORMADOR

Mario Martín Bris
Eladio Sebastián Heredero
(editores)



Fundación **Santillana**

Esta publicación se hace desde el Grupo IDE/UAH, que no se responsabiliza de los contenidos de los artículos y las opiniones de los autores.

Han colaborado en este libro: Jairo Steffan Acosta Vargas, Ana María Gómez, Mariano Jabonero Blanco, Roberto Fernández Sanchidrián y José Luis Bizelli

Editores del proyecto: Mario Martín Bris y Eladio Sebastián Heredero

Coordinación Editorial: Silvia Perlado Pérez

© Fundación Santillana

© Universidad de Alcalá/IDE

ISBN: 978-84-680-4538-2

CP: 885304

Queda prohibida, salvo excepción prevista en la ley, cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública y transformación de esta obra sin contar con autorización de los titulares de la propiedad intelectual. La infracción de los derechos mencionados puede ser constitutiva de delito contra la propiedad intelectual (arts. 270 y ss. del Código Penal).

Sexualidade, educação em sexualidade e transtorno do espectro autista: concepções de educadores

Ana Claudia Bortolozzi MAIA⁶²

Teresa VILAÇA⁶³

Ana Carla VIEIRA⁶⁴

Giovana SALVIATO-EZEQUIEL⁶⁵

Resumo

A relação entre a sexualidade e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) desperta curiosidades e desafios para professores, profissionais da saúde e familiares. A literatura evidencia que as especificidades inerentes nesse transtorno, tais como comportamentos e interesses restritos e repetitivos, déficits na comunicação e sociabilidade dificultam o exercício da sexualidade a que têm direito e aumentam as condições de vulnerabilidade a que são expostos. Esta pesquisa qualitativa-descritiva teve por objetivo analisar a compreensão de educadores/as, que atuavam diretamente com pessoas com TEA, sobre a sexualidade e educação em sexualidade dessa população, visando a elaboração e realização de formação contínua sobre o assunto. Participaram 13 educadores que trabalhavam diretamente com pessoas diagnosticadas com TEA, respondendo a um ques-

⁶² Doutora em Educação pela UNESP/Marília; Pós-doutora em Educação pela UNESP/Araraquara. Docente na graduação em Psicologia da UNESP/Bauru, na pós-graduação da UNESP/Araraquara e da UNESP/Bauru. Email: aclaudia@fc.unesp.br

⁶³ Doutora em Educação - Metodologia de Ensino de Ciências pela Universidade do Minho (UM), Portugal. Docente no Instituto de Educação - UM, e membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança - UM. Chair of the Research and Development Community (RDC) Health, Environment and Sustainability Education of Association for Teacher Education in Europe (ATEE).

⁶⁴ Mestre em Psicologia pela UNESP/Bauru; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo pela UFSCar. Docente na graduação em Psicologia na Universidades do Sagrado Coração (USC/Bauru). Email: ana.vieira@usc.br

⁶⁵ Mestranda em Educação Especial pela UFSCar; Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo pela UFSCar. Fundadora em parceria com Ana Lúcia Rossito Aiello da Escola de Pais da ONG ESPAÇO AZUL; colaboradora da ONG ESPAÇO AZUL realizando atendimento ABA para pessoas com TEA.

tionário com questões abertas. As respostas foram organizadas nas categorias: (1) Conceito de sexualidade; (2) Compreensão sobre como as pessoas aprendem sobre sexualidade ao longo da vida; (3) Opinião sobre a responsabilidade da educação em sexualidade; (4) Desafios da educação em sexualidade de pessoas com TEA. Observou-se que as especificidades do transtorno, somadas à falta de materiais e de formação dos educadores, foram consideradas dificuldades que os educadores teriam para planejar e implementar educação em sexualidade. O conceito de sexualidade dos participantes foi, em geral, limitado e restrito às questões orgânicas do corpo e acreditam em uma educação em sexualidade espontânea ou advinda dos pares e modelos sociais. Os resultados da pesquisa indicam pontos importantes para serem considerados em uma formação contínua de professores, contribuindo para uma prática fundamentada em questões teóricas.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade. Transtorno do Espectro Autista. Concepção de professores.

Abstract

The relationship between sexuality and Autism Spectrum Disorder (ASD) raises curiosities and challenges for teachers, health professionals and family members. The literature shows that the inherent specificities of this disorder, such as restricted and repetitive behaviors and interests and deficits in communication and sociability, make it difficult for them to exercise the sexuality to which they are entitled and increase the conditions of vulnerability to which they are exposed. This qualitative-descriptive research aimed to analyze the understanding of educators, who worked directly with people with ASD, on the sexuality and sexuality education of this population, aiming at the elaboration and realization of an ongoing in-service teacher training on this subject. Thirteen educators who worked directly with people diagnosed with ASD participated, responding to a questionnaire with open questions. The answers were organized in the categories: (1) The concept of sexuality; (2) The understanding on how people learn about lifelong sexuality; (3) The opinion on the responsibility of sexuality education; (4) Sexuality education challenges of people with ASD. It was observed that the specificities of the disorder, together with the lack of materials and the training of educators, were considered by educators difficulties to plan and implement sexuality education. The participants' concept of sexuality was, in general, limited and restricted to the organic issues of the body and they believed in a sexuality education that is spontaneous or derived from peers and social models. The results of the research indicate important points to be considered in an in-service teacher training, contributing to a practice based on theoretical questions.

Key words: Sexuality Education. Autism Spectrum Disorder. Conceptions of teachers.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento cujas características principais são os interesses, movimentos ou comportamentos restritos e repetitivos, além de déficits significativos na comunicação e na interação social (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Como diz o próprio termo «espectro», há uma amplitude de manifestações dessas características nos repertórios das pessoas com TEA, de forma que observa-se níveis diversos de dificuldades e necessidades de apoio.

É frequente, ainda, que pessoas com TEA apresentem Deficiência Intelectual, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e/ou Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) associados, além de hiper ou hiposensibilidade a estímulos ambientais e dificuldades na alimentação e no sono. Os dados mais recentes constataam que o diagnóstico ocorre quatro vezes mais em meninos que em meninas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Embora haja investimentos financeiros de grandes centros de pesquisa na investigação da origem deste transtorno, não há dados definitivos sobre o assunto. Também não existem dados consistentes com relação

à cura para o o TEA, mas tratamentos de diversas áreas científicas têm demonstrado bons resultados com relação à melhora de qualidade de vida, como no caso da fisioterapia, fonoaudiologia, farmacologia, terapia ocupacional e psicoterapias. Destaca-se, neste contexto, o uso de terapia ABA (baseada na Análise Aplicada do Comportamento, ou *Applied Behavior Analysis*) para o ensino de comportamentos relacionados tanto a conteúdos formais escolares, quanto a habilidades diárias de vida e de sociabilidade (CAMARGO; RISPOLI, 2013).

A vivência do transtorno usualmente representa dificuldades e desafios cotidianos para as pessoas com TEA e seus familiares, dadas as suas características. Em interação com barreiras atitudinais, como o preconceito e a discriminação e também de condições sócio-econômicas precárias, os impactos das deficiências tornam-se ainda mais significativos. Dentre esses desafios, destacamos o desenvolvimento e expressão da sexualidade, especialmente, porque há dados indicando que as pessoas com TEA são mais vulneráveis com relação à ocorrência de violências e abusos sexuais. As principais razões que aumentam as condições desta vulnerabilidade são: problemas na comunicação que dificultam a prevenção e a denúncia de situações violentas, os déficits na compreensão de interações sociais adequadas e a falta de acesso ao conhecimento sobre sexualidade (SULLIVAN; AMANDA; CATERINO, 2008). Vários autores (NEWPORT; NEWPORT, 2002; SEVLEVER; ROTH; GILLIS, 2013; BROWN-LAVOIE; VIECILI; WEISS, 2014) defendem que para a prevenção dessas ocorrências de violências diversas, é necessário investir em programas de intervenção que abordem a sexualidade, nominalmente, «Educação em Sexualidade».

Além disso, trata-se de um direito à vivência da sexualidade, seja para pessoas com desenvolvimento típico ou com quaisquer condições, incluindo as pessoas com TEA (TEPPER, 2005). A Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) aborda o direito das pessoas com deficiência exercerem a sua sexualidade e terem acesso a informação de qualidade sobre o assunto, vedando práticas compulsórias como a esterilização e garantindo condições para a saúde sexual e reprodutiva.

Considerando, portanto, o amplo cenário no qual a educação em sexualidade se mostra como uma possibilidade para a promoção dos direitos da pessoa com TEA e para a diminuição de sua vulnerabilidade, é necessário tecer investigações e aprofundamentos sobre o assunto que possam embasar a elaboração de programas, materiais e intervenções voltadas para a sua realidade.

1.1. A sexualidade de pessoas com Transtorno do Espectro Autista

Embora as produções acadêmicas sobre sexualidade e TEA necessitem de aprofundamentos, há estudos que relatam aspectos importantes do tema. Muitos deles apontam, por exemplo, que a maior parte das dificuldades na sexualidade, sentidas pelas pessoas com esse diagnóstico, relaciona-se aos déficits em habilidades sociais. A dificuldade de compreender o ponto de vista do outro, dialogar e agir para além de seus interesses e atividades, que, muitas vezes, são restritos e repetitivos, e para expressar sentimentos, torna os relacionamentos afetivos, amorosos e/ou sexuais mais escassos (MEHZABIN; STOKES, 2011; NATALE; OLIVEIRA, 2012; NEWPORT; NEWPORT, 2002; STOKES; NEWTON; KAUR, 2007).

Segundo os próprios relatos das pessoas com TEA, de cuja comunicação não é muito comprometida, há um sentimento de medo de serem interpretadas de maneira errônea devido às suas dificuldades de expressão verbal e não verbal (MEHZABIN; STOKES, 2011; NEWPORT; NEWPORT, 2002). Alguns estudos citaram, também, a dificuldade das pessoas com TEA em relacionar os conhecimentos sobre sexualidade e as práticas sexuais; ou seja, há aquelas que demonstram algum domínio sobre a teoria, mas não conseguem aplicá-la na prática (BYERS, NICHOLS; VOYER, 2013; HELLEMANS et al., 2007; OUSLEY; MESIBOV, 1991).

Para Rosqvist (2014) e Byers, Nichols e Voyer (2013), citando especificamente os casos de indivíduos com TEA que necessitam de menos apoio, é inegável que eles são seres sexuados e que, dependendo das suas condições específicas, ao receberem intervenções educativas, podem manter relacionamentos afetivos e sexuais

satisfatórios. Barnett e Tyndale (2015) apontam que, mesmo com dificuldades, há relatos de experiências afetivas e sexuais entre pessoas com esse diagnóstico.

Parece consenso na literatura que há uma maior vulnerabilidade nas pessoas com TEA para sofrerem abusos sexuais, violências e *bullying* em comparação à com a população sem o transtorno (BALLAN, 2012; BROWN-LAVOIE; VIECILI; WEISS, 2014; CAMARGOS JR.; TEIXEIRA, 2013; FISHER. MOSKOWITZ; SEVLEVER; ROTH, GILLIS, 2013; SRECKOVIC, BRUNSTING; ABLE, 2014), reforçando, ainda mais, a necessidade de atenção para o assunto.

Além disso, os familiares também têm dificuldades em reconhecer a sexualidade do filho, lidar com as suas necessidades, esclarecer e contribuir para que eles vivenciem a vida sexual a que têm direito (AMARAL, 2009; BALLAN, 2012; NEWPORT; NEWPORT, 2002; SULLIVAN; AMANDA; CATERINO, 2008).

1.2. Educação em sexualidade em um contexto inclusivo

O aprendizado acerca da sexualidade é um processo constante, ocorre ao longo da vida e envolve aspectos culturais, históricos e sociais. Pode ser de maneira informal, por meio de situações cotidianas espontâneas, regras morais, materiais midiáticos e artísticos, discursos diversos ou também por meio de intervenções formais, a partir da ação de educadores e profissionais diversos, voltadas para uma educação preventiva em saúde ou, além disso, em uma educação reflexiva visando a formação de atitudes autônomas e responsáveis (MAIA, 2011; 2012; PEREIRA; VILAÇA, 2012).

Atualmente, há uma preocupação maior em inserir a educação em sexualidade em todos os níveis de ensino e para todas as pessoas, especialmente, quando há condições mais evidentes de vulnerabilidades (HATTON; TECTOR, 2010; HAYASHI; ARAKIDA; OHASHI, 2011).

Altmann (2001) destaca a importância de realizar programas de educação em sexualidade em espaços privilegiados como a escola. Entretanto, apesar de recomendações para a inserção desse tema nos currículos, Figueiró (2009) ressalta que os professores não têm a devida formação para atuarem na educação em sexualidade e, muitas vezes, se omitem ou reproduzem suas próprias crenças na educação que realizam. Boarini (2004) comenta que a responsabilidade pela educação em sexualidade deve ser compartilhada por todos aqueles que participam do processo educacional, tendo em vista que as suas manifestações ocorrem continuamente em todos os espaços. Os familiares, professores, colaboradores do espaço escolar e profissionais de tratamentos múltiplos devem envolver-se neste ensino de maneira similar e coerente, quando possível. Figueiró (2009), Maia (2009) e Vilaça (2017) complementam que os professores devem refletir e aprender sobre sexualidade, pois as atitudes e concepções diante da expressão sexual direcionam, em grande medida, a relação que será estabelecida na educação em sexualidade proporcionada.

Materiais de diversas naturezas podem ser encontrados, hoje, para auxiliar no ensino da sexualidade: livros, vídeos, cartilhas, modelos anatômicos das genitálias, jogos lúdicos, bonecos sexuados, aplicativos e programas de computador e celular. Esses materiais necessitam, entretanto, da mediação de um educador competente que compreenda os conteúdos e as finalidades de tais materiais, lembrando que estes, por si só, não esgotam o assunto, pois existem dúvidas, angústias e necessidades espontâneas dos aprendizes a serem trabalhadas continuamente, por isso, é importante a criatividade, compartilhamento de experiências e inovações.

No caso de alunos e filhos com deficiência, especialmente aquelas que implicam em necessidades educacionais especiais, os educadores enfrentam o desafio de tornar o conhecimento acessível. Com os avanços advindos de uma escola inclusiva, dispomos de várias possibilidades de adaptação como flexibilidade curricular, estratégias de ensino inclusivo e o auxílio de recursos da Educação Especial. Para Sullivan, Amanda e Caterino (2008), esses materiais devem ser acessíveis a todos alunos, mesmo que para isso seja necessário realizar adaptações, que garantam aos alunos com deficiências tenham acesso ao conhecimento. É importan-

te, portanto, que as estratégias utilizadas para o ensino de conteúdos variados sejam aplicadas no contexto da educação em sexualidade.

No caso das pessoas com TEA, é preciso considerar as suas especificidades, por exemplo, aliado ao esclarecimento da sexualidade, também é necessário o treino de habilidades sociais e propostas de ensino que visem a generalização do aprendizado a outros contextos, pois, eles podem aprender na situação formal e depois não reproduzirem esse aprendizado em situações cotidianas (BYERS, NICHOLS; VOYER, 2013; HELLEMANS et al., 2007; OUSLEY; MESIBOV, 1991).

O fato é que, embora se reconheça a necessidade de realizar a educação em sexualidade, ainda são escassas as iniciativas de intervenção por parte de profissionais diversos e também no ambiente escolar (AMARAL, 2009; BALLAN, 2012; NEWPORT; NEWPORT, 2002; SULLIVAN; AMANDA; CATERINO, 2008). Um dos grandes motivos para isso é que os educadores, de modo geral, não têm formação para assumirem a educação em sexualidade, temem tratar dessa temática por insegurança e, ainda, se omitem diante das especificidades do transtorno que dificultam no planejamento de ações.

Diante do exposto, é relevante oferecer cursos de formação contínua para educadores sobre sexualidade, educação em sexualidade e TEA, mas quais seriam suas demandas? Seus conhecimentos prévios sobre o assunto? Suas dificuldades e necessidades? São essas questões que nos propomos estudar nesta pesquisa qualitativa-descritiva.

2. Objetivos

Analisar a compreensão de educadores, que atuavam diretamente com pessoas com TEA, sobre a sexualidade e educação em sexualidade dessa população, visando a elaboração e realização de uma formação contínua de professores sobre o assunto.

3. Método

3.1. Participantes: 13 profissionais, de ambos os sexos, com idades entre 20 e 63 anos que trabalhavam diretamente com pessoas com TEA (instituições educativas, ONGs, e consultórios, etc.), tais como professores, cuidadores, gestores institucionais, psicólogos, aqui chamados de «educadores». Os participantes foram recrutados por um convite divulgado por uma Organização Não Governamental e quem aceitou participar compareceu no dia e hora agendado. A participação na pesquisa implicava também receber uma formação nesse assunto. Os participantes são identificados, no presente texto, pela letra P seguida dos números ordinais (P1, P2, P3, etc).

3.2. Materiais: O instrumento utilizado foi um questionário com cinco questões abertas, elaborado pelas pesquisadoras com questões amplas relacionadas com a sexualidade, educação em sexualidade e desenvolvimento humano, oportunizando ainda o relato de suas experiências enquanto educadores com relação à sexualidade de pessoas com TEA.

3.3. Procedimentos

3.3.1. Éticos: Os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos foram respeitados; os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos em que participariam e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido em anuência à sua colaboração.

3.3.2. Coleta e análise de dados: A coleta ocorreu em uma sala reservada, no espaço de uma Organização Não Governamental (ONG). A aplicação foi coletiva, isto é, em um mesmo momento e local, mas todos responderam individualmente. As respostas foram transcritas integralmente em documento *word* e organizadas

em classes de respostas. Após a coleta e análise de dados os educadores foram convidados (e todos aceitaram) participar de um encontro de formação contínua, discutindo pontos levantados neste questionário e trazendo ainda outras questões acerca da temática.

4. Resultados e Discussão

4.1. Conceito de Sexualidade

Compreender o conceito de sexualidade dos educadores é essencial para a elaboração de intervenções educativas, pois uma das primeiras questões que deve ser desmistificada é a «sexualidade enquanto sinônimo de sexo» (MAIA, 2011). Em seus relatos, os participantes entenderam a sexualidade no sentido individual, centrado no desejo, desenvolvimento do corpo e sensações prazerosas, e também no sentido interacional, de relação de intimidade entre pessoas. Além disso, destacam-se os relatos feitos da sexualidade enquanto «gênero» e também como uma questão instintiva na espécie humana.

Ou seja, em grande medida, os educadores, reproduzem o conceito restritivo de sexualidade às questões eróticas genitalizadas e não compreendem a sexualidade em sua historicidade (MOTTIER, 2008), os elementos sociais que valorizam as práticas sexuais e influenciam a maneira como as pessoas vivenciam seus desejos, assim como Maia (2011) problematizou existir (Ver Quadro 1).

Quadro 1. Categorias de respostas sobre conceito de sexualidade

Categorias	Respostas
Sexualidade no sentido individual: corpo, desejo, sensações	<p>«Desejo que desperta no indivíduo a partir da adolescência» (P1)</p> <p>«É mudança da fase hormonal, conhecimento do próprio» (P2)</p> <p>«Prazer dentro da sexualidade, descobrimento do corpo, sensações. Conhecimento do próprio corpo» (P3)</p> <p>«Nunca tinha parado para pensar sobre isso até o momento mas ao meu ver é algo que envolve sensações» (P5)</p> <p>(...) «além do contato físico o conhecimento de si próprio como indivíduo no mundo» (P7)</p> <p>«Entendo como sexualidade o que diz respeito ao corpo, descobertas, aceitação» (P8)</p> <p>«Acredito que seja quando a pessoa vai descobrindo o seu corpo, na busca de sensações, como também suas tendências». (P9)</p> <p>«Sexualidade é tudo o que traz prazer, não somente o ato sexual em si mas tudo que estimula nossos órgãos do sentido. Por exemplo, uma música, um cheiro, uma poesia» (P12)</p> <p>«Conhecer do corpo, dos desenvolvimentos corporais, o toque (P13),</p>
Sexualidade no sentido relacional	<p>«É a relação mais íntima entre duas pessoas» (P4)</p> <p>(...) «o ato onde duas pessoas que se amam desfrutam dos prazeres da carne fazendo ou não uma união» (P6)</p> <p>«(...) «sexualidade é um tema que abrange o eu e o outro, o entendimento do que cada um busca para si, abrangendo corpo, alma e afetividades (P7)</p> <p>«É a maneira que indivíduo encontra para se relacionar afetivo, emocional e sexualmente com outro indivíduo e consigo mesmo» (P10)</p> <p>«Sexualidade é quando temos o sexual à tona. Tanto como desejo e expressão, como quanto necessidade de continuidade da espécie – quase que instintiva» (P14)</p>
Sexualidade como gênero	<p>«(...) a sexualidade de gênero é masculino ou feminino» (P6)</p> <p>«(...) os gêneros...» (P13)</p>

Comprender a sexualidade enquanto um conceito amplo é importante para que os educadores percebam que falar sobre sexualidade implica muito mais que falar sobre «sexo» e «doenças» e sim, considerar todos os aspectos da sexualidade: erotismo, práticas sexuais, gênero, valores, afetividade, etc. Por isso, entende-se que é importante no início dos processos de formação dos profissionais, discutir a sexualidade em seus inúmeros aspectos e possibilidades para que eles/as possam planejar intervenções múltiplas as alunos com TEA.

4.2. *Compreensão sobre como as pessoas aprendem sobre sexualidade ao longo da vida*

O questionamento com relação à compreensão dos educadores sobre como as pessoas aprendem sobre sexualidade foi um modo de buscar suas concepções acerca do processo de educação em sexualidade. Em alguns casos, observou-se a ideia de que o aprendizado é instintivo e individual, ou seja, que as pessoas aprendem sozinhas, com suas sensações, seus desejos, experiências sexuais, etc. Nestes relatos, a sexualidade é geralmente restrita à dimensão do sexo. Em outros casos, a percepção indicava uma ideia de que se aprende com modelos sociais, como amigos, mídia, familiares, etc. (Ver Quadro 2).

Quadro 2. Categorias de respostas sobre como ocorre o aprendizado sobre sexualidade

Categories	Respostas
Aprendizado instintivo e individual	<p>«O tema causa bastante curiosidade, pois muitas vezes é visto como tabu. Isso faz com que desde criança haja interesse pelo interesse» (P1)</p> <p>«A adolescência é a idade que a sexualidade fica mais aflorada e geralmente na vida é a fase mais comentada que os desejos motivam as pessoas de saber sobre o tema» (P3)</p> <p>«O ato se descobre através das sensações as quais levam a manipulação e desejos, não tem receita nem idade para descoberta» (P6)</p> <p>«Os seres humanos aprendem mais com os processos naturais do próprio corpo do que por uma discussão, conversa, pois é um assunto que não é falado de forma aprofundada» (P8)</p> <p>«Aprendem por tentativa e erro, vivenciando» (P10)</p> <p>«A sexualidade infelizmente como é um tabu, ainda é aprendida por meio de vídeos, conversas com pares e é pouco debatida em família. Mas mesmo que não comentada, há quase que uma questão instintiva, hormonal relacionada a ela» (P14)</p>
Aprendizado pelos modelos sociais	<p>«Depende do contexto qual o indivíduo está inserido, é um assunto que muitos pais, familiares encontram dificuldade em conversar, muitas vezes esse assunto é discutido na escola com amigos» (P2)</p> <p>«Com os amigos na escola, é o primeiro contato depois vem televisão, revistas, namoro e assim vamos conhecendo ao longo da vida» (P4)</p> <p>«Através da convivência com outras pessoas e a própria sociedade, apesar de um pouco «entrelinhas» passa conceitos. Informações também são adquiridas através da mídia» (P5)</p> <p>«Atualmente acredito que existam intervenções em vários contextos, alguns de forma como mídia, amigos, escolar, pais ou senso comum» (P7)</p> <p>«Com os pais (observando-os), vendo televisão, com os amigos, os momentos de descobertas com seu corpo e nas relações que tiver» (P9)</p> <p>«Aprendem com os modelos que eles tem em casa e também com as próprias experiências» (P12)</p> <p>«Com o próprio desenvolvimento e convívio interpessoal» (P13)</p>

Pode-se perceber que foram consideradas as questões do ambiente educativo: disposição da família ou da escola para tratar dos assuntos da sexualidade, como também um aprendizado «natural», a partir da curiosidade na infância ou do interesse despertado pelos hormônios, na adolescência. Mais uma vez, percebemos

um entendimento unilateral, concebendo ora um conhecimento a partir do desejo corporal, ora dos modelos sociais em relação às condutas.

Os participantes citaram a educação em sexualidade advinda de meios informais, de aprendizado, como observação de outras pessoas, relacionamento com pares e mídia. Segundo Newport e Newport (2002), considerar a sexualidade como uma dimensão de aprendizado «natural» é uma das grandes dificuldades encontradas na vida da pessoa com TEA. Especialmente por suas características específicas, como déficits na compreensão de figuras de linguagem e relacionamento com pares, por exemplo, aprender «nas entrelinhas» ou «com os amigos» torna-se inviável.

Essas características do transtorno exigem que o ensino seja realizado de forma clara, direta e muitas vezes, repetitiva. Assim, um programa de educação sexual voltado para pessoas com TEA a partir de suas necessidade, exigirá dos educadores mudanças de concepções sobre a educação em sexualidade como algo que acontece apenas instintivamente, para uma compreensão que valorize o importante papel do educador/a em planejar e educar de maneira direta e sistematicamente (MAIA, 2011; VIEIRA, 2016).

4.3. Opinião sobre a responsabilidade da Educação em Sexualidade.

Quanto aos questionamentos acerca da responsabilidade do processo de educação sexual de pessoas com TEA, os educadores consideraram os familiares enquanto protagonistas; depois os cuidadores e adultos que convivem com as crianças e adolescentes (ver Quadro 3).

Houve, ainda, a citação da escola como um local importante para a realização da educação em sexualidade, pois o conteúdo seria tratado como área curricular do conhecimento, atribuindo, em segundo plano, à família e/ou aos pais a tarefa inicial desse diálogo (ALTMANN, 2011). Observa-se que os relatos sugerem a crença de haver uma «família ideal» e que todos têm um pai e uma mãe presentes em casa.

Quadro 3. Categorias de respostas sobre a opinião dos educadores sobre quem são os responsáveis pela educação em sexualidade

Categorias	Respostas
Familiares/cuidadores	<p>«Os pais» (P1)</p> <p>«Os pais/cuidadores» (P2)</p> <p>Também considero importante os pais ou responsáveis saberem explicar o tema para seus filhos (P3).</p> <p>«Principal e mais importante os pais, pois com eles teríamos mais confiança e depois professores» (P4)</p> <p>«Primeiramente a família, mas ainda é um tabu para muitos. (P5)</p> <p>«Os pais e educadores de forma saudável» (P6)</p> <p>«Pais podem iniciar. O assunto para sanar a curiosidade inicial da infância, (P7)</p> <p>«Na minha opinião, a educação sexual de crianças e adolescentes devia vir da família como um processo mais natural» (P8)</p> <p>«Os pais, primeiramente, o professor deve instruir também e acompanhar esse assunto, mas os pais são fundamentais» (P9)</p> <p>«Principalmente a família e as pessoas de referência emocional/afetiva próximos» (P10)</p> <p>«Em primeiro lugar a família, mas se a família não se sentir a vontade, precisamos respeitar e buscar ajuda (P12)</p> <p>«Os pais e os cuidadores(P13)</p> <p>«Familiares (P14)</p>

Categorias	Respostas
Professores/as na Escola; profissionais	<p>«Na minha opinião, a escola é um lugar de construção de conhecimentos e considero muito importante promover a educação sexual na unidade escolar» (P3)</p> <p>Não sei se seria papel da escola, sendo que hoje em dia não se tem um direcionamento no que diz respeito a que e até onde pode-se ensinar» (P5)</p> <p>(...) com os professores, terapeuta ou pessoas próximas à criança» (P12)</p> <p>(...) escola inclusive» (P13)</p> <p>(...) « escolares» (P14)</p>
Pais ou professores desde que tenham alguma formação	<p>Algumas palestras com especialistas na área ajudariam muito tanto os pais, quanto professores que trabalham na área para entender sobre o assunto» (P3)</p> <p>(...) o que falta é a busca desses pais por intervenções e falas corretas que eu acredito que devem ser adquiridas com profissionais dessa área» (P7)</p>

Dúvidas, comportamentos e questões relacionadas à sexualidade podem surgir a todo momento, nos mais diversos contextos, por isso todos devem estar preparados para educarem em sexualidade (BOARINI, 2004). Segundo Amaral (2009), para as famílias de crianças e adolescentes com TEA, pode ser muito difícil contemplar a possibilidade de tratar o assunto, principalmente pelo espaço de infantilização frequentemente reservado a eles.

Dessa forma, pode pensar-se no processo da educação em sexualidade enquanto uma responsabilidade partilhada da família, da escola e de profissionais envolvidos em tratamentos múltiplos. Seria ideal que houvesse diálogo entre essas instâncias, para que a prática fosse coerente e pudesse haver troca de conhecimentos, dúvidas e acolhimento uns dos outros quando necessário. Isso deve exigir, especialmente dos profissionais, a busca por formação específica na área, informações, materiais e estratégias de ensino.

4.4. Desafios da Educação Sexual de pessoas com TEA

Para compreender as necessidades dos participantes sobre a educação em sexualidade de pessoas com TEA, é importante investigar os desafios encontrados cotidianamente em suas práticas. Essa informações podem colaborar para a elaboração de uma formação que atenda às suas reais necessidades e possibilite torná-los mais hábeis na tarefa de compreender, educar e colaborar no desenvolvimento da sexualidade dessa população (ver Quadro 4).

Quadro 4. Desafios da educação em sexualidade para pessoas com TEA

Categorias	Respostas
Dificuldades na comunicação e na compreensão das regras sociais	<p>«Porque eles não possuem senso crítico e muitas vezes não compreendem que isso não pode ser feito em público» (P1)</p> <p>Depende muito de cada indivíduo e a dificuldade de muitas vezes de compreensão e expressão, devido a complexidade do assunto e dificuldade dos conceitos morais» (P2)</p> <p>(...) além disso existe as questões cognitivas. Muitas vezes até que ponto a pessoa com TEA compreende o que está acontecendo com ela e como deve agir. É um assunto muito delicado» (P5)</p> <p>«Por que eles não tem a mesma percepção que a nossa, do que pode e não pode levando a fazer o que tem vontade independente do local e hora» (P6)</p> <p>«Principalmente porque a sexualidade vai além de si próprio, o entendimento do que causa no outro, o pensar nas consequências e nos estigmas sociais é muito abstrato, de imediato que eles percebem seria a parte sensorial, o que ele sente, faz pensar no que os outros podem pensar ou sentir, é difícil para os TEA, ou a maioria deles.» (P7)</p> <p>(...), imagina como os autistas que me parece que eles não tem tanta ou nenhuma consciência do ato» (P9)</p> <p>«Por conta de que muitas vezes a parte cognitiva não acompanha a parte do desenvolvimento etário. Pela dificuldade de comunicação, pela obsessão por alguns assuntos» (P14)</p>

Categorías	Respostas
Falta de información/instrucción/formación e/ou materiais	<p>«É um assunto que não é discutido, não tem quase materiais de estudo sobre.» (P2)</p> <p>«É muito desafiador, porque o autismo é um tema muito novo, que ainda está sendo estudado e acredito que não tem muitas publicações sobre o assunto» (P3)</p> <p>«Sou muito nova na área, sei só o que ouço falar: que a sexualidade deles é mais aflorada e precoce» (P4)</p> <p>«Devido as questões de como e até que ponto intervir» (P5)</p> <p>«Por ser um território pouco explorado e não haver preparo de pais/cuidadores para preparar a pessoa com autismo para viver a sexualidade de maneira que não seja pobre.» (P10)</p>
Já é um assunto difícil de abordar em todos os casos	<p>«Porque muitas vezes não sabemos nem falar sobre a sexualidade de uma pessoa dita como normal» (P8)</p> <p>«Por que não é fácil falarmos de nós...» (P9)</p>
Preconceito social	<p>Também devido ao preconceito» (P10)</p> <p>«Porque existe um grande tabu em relação a isso, eles infantilizam o autista ou a pessoa com deficiência colocando eles como seres assexuados, como se a deficiência fosse sinônimo de não sentir nada ou não ter prazer» (P12)</p> <p>«Porque o autismo já é delicado e tem cognição em maior desenvolvimento e relacionando com sexualidade que ainda é um tabu no nosso dia-a-dia é preciso quebrar barreiras e ter ajuda de todos» (P13)</p>

O autismo foi citado, por alguns dos participantes como um assunto novo, desafiador e com poucos materiais disponíveis para estudo, especialmente na área de sexualidade. Eles comentaram sobre a dificuldade de compreensão das pessoas com TEA, que dificultaria o ensino de conteúdos como a sexualidade e que, por não discriminarem contextos nos quais podem expressar sua sexualidade e vivenciar o prazer sexual masturbatório, as pessoas com TEA podem ter comportamentos socialmente inadequados, por não terem recebido educação, indo ao encontro do que observaram Sullivan, Amanda e Caterino (2008) e Newport e Newport (2002).

Indicam, ainda, que uma dificuldade que teriam na educação em sexualidade de pessoas com TEA, seria o preconceito social e o fato da própria sexualidade ser já um «tabu», como argumentam Maia (2011), Maia e Aranha (2005) e Sullivan, Amanda e Caterino (2008).

A escassez de materiais didáticos voltados especificamente para a educação em sexualidade de pessoas com TEA é, de fato, uma limitação importante no cotidiano desses profissionais (VIEIRA, 2016). Além de indicar a elaboração de novos estudos voltados para essa finalidade, por ora indica-se o uso de materiais já existentes, com as adaptações necessárias para cada aluno.

A formação profissional como um todo necessita de espaço para discutir e aprimorar práticas com relação à educação em sexualidade na escola inclusiva. Há desafios específicos no contexto do TEA devido às características do transtorno, e eles exigem que haja comunicação entre as áreas de atuação, como professores e psicólogos e outros profissionais para elaborarem em conjunto estratégias que atendam a singularidade de cada caso.

Considerações finais

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição cujas implicações práticas na vida do sujeito variam imensamente. Apesar da amplitude de características em cada pessoa incluída no espectro, têm-se dificuldades comuns em torno da comunicação, interação social e repetição/restricção de comportamentos, interesses e atividades e essas dificuldades, somadas à falta de materiais e de formação, foram consideradas como dificuldades que o educador teria para planejar e implementar educação em sexualidade para esses jovens.

O conceito de sexualidade dos participantes foi, em geral, limitado e restrito às questões orgânicas do corpo erótico e isso pode direcionar, também, em dificuldades para esses educadores em considerar a educação em sexualidade, na medida em que se canaliza a sexualidade de pessoas com TEA nos aspectos de automanipu-

lação, relações sexuais, reprodução e doenças, desmerecendo, muitas vezes, as questões psicossociais, como o enamoramento, conjugalidade, vínculos afetivos, gênero, etc

Além disso, ao acreditarem em uma educação em sexualidade «natural» e espontânea ou advinda dos pares e modelos sociais, tornam ainda mais complexa a possibilidade de expressão e vivência sexual das pessoas com TEA, que deixam de contar com o importante papel formal e bem preparado que os educadores e profissionais diversos deveriam assumir diante desse cenário.

A partir dos resultados desta pesquisa, pretende-se oferecer uma formação continuada para esses interessados, contribuindo para que eles tenham uma prática fundamentada em questões teóricas. Novas pesquisas podem aprofundar as concepções desveladas neste estudo e investigar as mesmas questões junto aos familiares.

Referências

- ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, p. 575-585, 2001.
- AMARAL, C. E. S. *O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade*. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.
- BALLAN, M. S. Parental Perspectives of Communication about Sexuality in Families of Children with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism Developmental Disorders*, v. 42, p. 676-684, 2012.
- BARNETT, J. P.; TYNDALE, E. M. Qualitative exploration os sexual experiences among adults on the autism spectrum: implications for sex education. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, v. 47, n. 4, p.171-179, 2015.
- BOARINI, M. L. O «ensino» da sexualidade e a (des)informação do adolescente contemporâneo. In: RIBEIRO, P. R. M. *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 181-199.
- BRASIL. *Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Data de acesso: jul-2017.
- BROWN-LAVOIE, S. M.; VIECILI, M. A.; WEISS, J. A. Sexual Knowledge and Victimization in Adults with Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism Developmental Disorders*, v. 44, p. 2185-2196, 2014.
- BYERS, E. S.; NICHOLS, S.; VOYER, S. D. Challenging Stereotypes: sexual functioning of single adults with high functioning autismo spectrum disorder. *Journal of Autism Developmental Disorders*, v. 43, p. 2617-2627, 2013.
- CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do Comportamento Aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial, Santa Maria*, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013.
- CAMARGOS JR, W; TEIXERA, I. A. Síndrome de Asperger em mulheres. In: CAMARGOS JR., W. *Síndrome de Asperger e outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 87-106.
- CHIRAWU, P.; HANASS-HANCOCK, J.; ADEREMI, T.J.; REUS, L.; HENKEN. A. S. Protect or Enable? Teacher's Beliefs and Practices regarding provision os sexuality education to learners with disability in KwaZulu-Natal, South Africa. *Sex Disability*, v. 32, p.259-277, 2014.
- COUWENHOVEN, T. *Teaching children with Down Syndrome about their bodies, boundaries and sexuality - a guide for parents and professionals*. Bethesda/USA: Woodbine House, 2007.
- CURTISS, S.L.; EBATA, A.T. Building Capacity to deliver Sex Education to individuals with Autism. *Sexual Disability*, v. 34, p.27-47, 2016.
- FISHER, M. H.; MOSKOWITZ, A. I.; HODAPP, R. M. Differences in social vulnerability among individuals with autism spectrum disorder, Williams syndrome, and Down syndrome. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 7, p. 931-937, 2013.

- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: UEL, 2009.
- FRANÇA-RIBEIRO, H. C. F. Direitos sexuais e pessoas com deficiência: conquistas e impasses. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. *Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 9-65.
- HATTON, S.; TECTOR, A. Sexuality and relationship education for Young people with autistic spectrum disorder: curriculum change and staff support. *British Journal os Special Education*, vol.37, n.2, p.69-75, 2010.
- HAYUMI, M.; ARAKIDA, M.; OHASHI, K. The effectiveness of a sex education program facilitating social skills for people with intellectual disability in Japan. *Journal os Intellectual & Developmental Disability*, v.36, n.1, p.11-19, 2011.
- HELLEMANS, H.; COLSON, K.; VERBRAEKEN, C.; VERMEIREN, R.; DEBOUTTE, D. Sexual Behavior in High-Functioning Male Adolescents and Young Adults with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 37, p. 260-269, 2007.
- KAUFMAN, M.; SILVERBERG, C.; ODETTE, F. *The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness*. (2a ed). Califórnia/USA: Cleis Press, 2003.
- MAIA, A. C. B. *Inclusão e Sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá, 2011.
- MAIA, A.C.B.; ARANHA, M.S.F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Revista Interação*, Curitiba, v. 9, n.1, p. 103-116, 2005.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. *Revista Educação Especial*, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.
- MAIA, A. C. B.; REIS-YAMAUTI, V. L.; SCHIAVO, R. A.; CAPELLINI, V. L. M. F.; VALLE, T. G. M. Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 32, n. 3, p. 427-435, 2015.
- MEHZABIN, P; STOKES, M. A. Self-assessed sexuality in young adults with High-Functioning Autism. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 5, 614-621, 2011.
- NATALE, L. L.; OLIVEIRA, L. F. S. Aspectos da sexualidade das pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento. In: CAMARGOS JR., W. (Org.) *Síndrome de Asperger e outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 213-228.
- NEWPORT, J.; NEWPORT, M. *Autism-Asperger's & sexuality – puberty and beyond*. Arlington, Texas: Future Horizons, 2002.
- OUSLEY, O. Y.; MESIBOV, G. B. Sexual Attitudes and Knowledge of High-Functioning Adolescents and with Autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 21, n. 4, 471-481, 1991.
- PEREIRA, T.A.R.; VILAÇA, T. Percepções sobre a abordagem educativa na reabilitação da sexualidade em contexto hospitalar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 7 (2), p.14-31, 2012.
- ROHLEDER, P. Educators's ambivalence and managing anxiety in providing sex education for people with learning disabilities. *Psychodynamic Practice*. vol.16, n.2, p.165-182, 2010.
- ROSQVIST, H. B. Becoming an 'autistic couple: narratives of sexuality and couplehood within the swedish autistic self-advocacy movement. *Sex Disabil*, v. 32, p.351-363, 2014.
- SCHWIER, K.M.; HINGSBURGER, D. *Sexuality- your sons and daughters with intellectual disabilities*. (3a ed.). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co, 2007.
- SEVLEVER, M.; ROTH, M. E.; GILLIS, J. M. Sexual Abuse and Offending in Autism Spectrum Disorders. *Sexuality and Disability*, v. 31, p. 189-200, 2013.
- SRECKOVIC, M. A.; BRUNSTING, N. C.; ABLE, H. Victimization of students with autism spectrum disorder: a review of prevalence and risk factors. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 8, 1155-1172, 2014.
- STOKES, M.; NEWTON, N.; KAUR, A. Stalking, and Social, and Romantic Functioning Among Adolescents and Adults with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 37, p. 1969-1986, 2007.
- VIEIRA, A. C. *Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares*. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista «Julio de Mesquita Filho», Faculdade de Ciências. Bauru, 2016.

VILAÇA, T. A multiple case study based on action-oriented sexuality education: Perspectives of Portuguese teachers. *Health Education*, v.117(1), p.110-126, 2017.

VILAÇA, T. InterAção no núcleo da promoção de sexualidades saudáveis: competência para a ação e uso das tecnologias de informação e comunicação na escola. *Revista Linhas*, v.17(34), p.28-57, 2016.